

O ESPAÇO BIOGRÁFICO E A CONSTRUÇÃO DE IMAGEM DO SUJEITO POLÍTICO NA CONTEMPORANEIDADE

Andrey Ricardo Azevedoⁱ

Resumo: Este artigo baseia-se no estudo de alguns elementos discursivos que podem contribuir para a (des)construção de imagem do sujeito político, em momento eleitoral, levando-se em conta a divulgação de relatos (auto)biográficos. O trabalho, baseado na análise de um vídeo (com depoimentos de familiares do presidenciável Aécio Neves acerca de sua vida pessoal), busca explorar a presença de uma dimensão argumentativa mais ampla em tal discurso, voltada não somente à persuasão, mas também a aspectos ligados à emoção. O artigo pretende mostrar, ainda, que formas circulantes no “espaço biográfico”, na contemporaneidade, podem motivar o surgimento de estratégias responsivas, considerando neste caso o cenário de uma disputa político-eleitoral.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Narrativas de Vida. Argumentação. Espaço Biográfico.

Abstract: This article is based on the study of some discourse elements that can contribute to the political subject image's (de)construction, during an election period, considering the broadcast of (auto)biographic narratives. This paper, based on a video analysis (with the testimonies of candidate Aécio Neves' relatives about his personal life) aims to explore the presence, in such discourses, of an wider argumentative dimension, focused not only in persuasion, but also in aspects related to emotion. The article also aims on showing how the circulating forms of the nowadays "Biographic space" can motivate the emergence of responsive strategies, considering, in this case, the political-electoral dispute scenario.

Keywords: Discourse Analysis. Life Narratives. Argumentation. Biographic Space.

ⁱ Mestrando em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET/MG). Bolsista CAPES. E-mail: andrey.azevedo10@gmail.com.

Introdução

Nos dias atuais, é cada vez mais perceptível a proliferação de novos mecanismos de comunicação, potencializados, em especial, pela escalada da Internet com suas inúmeras formas de acesso a (des) informação, interação e entretenimento. Diante desse ainda recente modelo comunicacional (que nos parece irreversível) e de seus possíveis desdobramentos no dia a dia das pessoas, muitas questões têm sido levantadas e debatidas nos mais variados campos do saber, sem que se tenham respostas consistentes para boa parte dessas indagações.

Ancorando-se em uma dessas particularidades instigantes advindas do “universo web”, o presente artigo¹ destaca e pretende discutir alguns aspectos ligados às narrativas de vida, ou fragmentos dessas narrativas disponibilizados na internet (*blogs*, sites, redes sociais, etc.), que são passíveis de serem construídos, replicados, constante e facilmente resgatados por meio dessas recentes ferramentas. Tais divulgações, no entanto, quase sempre escapam ao controle dos interessados “primeiros”, geralmente figuras públicas, que têm parte de suas vidas expostas (independente da “veracidade”² dos fatos) sem que isso necessariamente passe pelo seu crivo e/ou aprovação de suas assessorias.

Com o intuito de lançar um olhar ainda mais específico acerca do tema, um dos principais interesses deste artigo é analisar, levando-se em conta o ponto de vista discursivo, como se dá a tentativa de construção (ou manutenção) das representações do sujeito político, em momento de campanha eleitoral, a partir de suas narrativas de vida, ou fragmentos dessas narrativas (oficiais ou não), que são hoje facilmente disponibilizadas a um grande número de pessoas, potenciais eleitores ou não. Neste cenário, cumpre-nos instigar se o uso dessas narrativas (auto) biográficas se dá de forma ativa, mais ou menos natural (aleatória) ou em uma circunstância responsiva a outros relatos, havendo assim certo atrelamento dessa “estratégia” a determinado acontecimento e/ou momento sócio-histórico.

Para o estudo propriamente dito, concentramos na análise de elementos discursivos presentes em “Pai, Filho e Marido. Aécio por sua Família”, vídeo

¹ Artigo baseado em trabalho apresentado pelo autor no II SEDiAr – Seminário de Estudos sobre Discurso e Argumentação (UFMG), em novembro de 2014.

² Veracidade aqui entendida no sentido de uma aprovação oficial por parte do sujeito-alvo de tais divulgações.

veiculado no 2º semestre de 2014, ocasião em que o senador Aécio Neves (PSDB) concorreu ao cargo de presidente da República no Brasil. Complementando o *corpus*, o conteúdo do vídeo é contrastado com três matérias que trazem assuntos relacionados à vida pessoal do então presidenciável Aécio, temas estes explorados em ocasiões anteriores na Internet e pela mídia em geral, mas que em momento pré-eleitoral foram resgatados, amplamente (re) discutidos e utilizados por estrategistas de campanha.

Nas diversas falas trabalhadas no vídeo, de caráter notadamente biográfico, procuramos identificar a existência de pontos caracterizadores de uma eventual estratégia argumentativa (em sua dimensão mais ampla). Como aporte metodológico para a realização do trabalho, estabelecemos a Análise do Discurso (AD), especialmente do ponto de vista da Teoria Semiológica, desenvolvida pelo professor Patrick Charaudeau. No enquadramento teórico, além de autores da atual escola francesa em AD, como Dominique Maingueneau e o próprio Charaudeau, utilizamos recentes estudos realizados por pesquisadores da FALE (Faculdade de Letras da UFMG) e pela professora argentina Leonor Arfuch, que nos traz uma perspectiva acerca do “espaço biográfico” na contemporaneidade.

Por fim, consideramos válido ressaltar que o presente trabalho tem um caráter meramente acadêmico, voltado a uma análise linguística que pretende identificar, entre outros aspectos, eventuais traços de interdiscursividade que permeiam tais veiculações midiáticas. Sendo assim, o estudo mostra-se desprovido de quaisquer intenções de lançar juízo de valor e/ou de assumir posicionamentos, seja do ponto de vista político ou pessoal, acerca do conteúdo presente e/ou potencialmente analisável no *corpus* de pesquisa.

1 As narrativas de vida em uma perspectiva contemporânea

Na tentativa de compreender a questão da narrativa de vida em uma dimensão linguística nos dias atuais, consideramos válido aqui destacar trabalhos que têm sido desenvolvidos por pesquisadores da FALE, especialmente alguns estudos encabeçados pela professora Ida Lúcia Machado.

Com base em suas pesquisas, Machado (2012) nos diz que a narrativa de vida é um gênero curioso capaz de circular tanto nas ciências da linguagem

quanto nas sociais, surgindo como metodologia entre 1918 e 1920, em obra organizada pelos sociólogos Thomas e Znaniecki, da Escola de Chicago (EUA). Conforme aponta ainda Machado, o tema chegou à França somente em 1970, com o pesquisador Daniel Bertaux, dentro de uma perspectiva sociológica e ao mesmo tempo etnográfica. A partir de então, o gênero ganha diferentes nomenclaturas como história de vida, narrativa de si mesmo, autobiografia. Ainda que apareçam de forma esparsa ou sem uma cronologia rígida, outros gêneros também conteriam narrativas de vida, tais como memórias e ensaios ou mesmo algumas obras poéticas, sendo que nessas produções, “é latente um diálogo interno entre o narrador e as outras vozes que atravessam seus ditos” (MACHADO, 2012, p. 200).

Ampliando um pouco mais a discussão acerca dos possíveis gêneros coincidentes (ou não) com a narrativa de vida, recente trabalho desenvolvido pela professora argentina Leonor Arfuch nos traz a perspectiva do que podemos chamar de espaço biográfico na atualidade. Para Arfuch (2010), tal espaço poderia ser designado como o lugar onde se convivem formas canônicas do discurso biográfico (as biografias, as autobiografias, os retratos, autorretratos, etc.) e múltiplas outras formas de relatos da contemporaneidade (entrevistas, *reality shows*, *blogs*, etc.), num processo em que são ao mesmo tempo articulados o momento e a totalidade, bem como a busca de identidade e identificação, um verdadeiro paradoxo em que a perda implica também a restauração. No que diz respeito a essa comparação entre as formas canônicas e as novas variantes do espaço biográfico, a autora afirma que:

[...] se os gêneros canônicos são obrigados a respeitar certa verossimilhança da história contada – o que não supõe necessariamente veracidade –, outras variantes do espaço biográfico podem produzir um efeito altamente destabilizador, talvez como ‘desforra’ diante de um excesso de referencialidade ‘testemunhal’ (ARFUCH, 2010, p. 127).

Neste sentido, Arfuch nos diz que essas outras variantes são aquelas que propõem a disputa de outro jogo, um jogo em que se aposta no equívoco, na confusão em termos de identificação e índice, por exemplo, e que promove inúmeros deslizamentos passíveis de assumir o status de “autoficção” e de favorecer um relato de si plenamente consciente de seu caráter ficcional. Esse jogo promoveria ainda certo descolamento da referencialidade biográfica como a conhecemos ou com a qual estamos acostumados. O espaço

biográfico, da forma como sugere Arfuch, aparece ainda como uma configuração mais ampla que o gênero, permitindo a transversalidade de uma leitura analítica, uma leitura vigilante em relação a peculiaridades de uma rede interdiscursiva cada vez mais determinante na construção da subjetividade. Ademais: “essa visão articuladora torna possível apreciar não somente a eficácia simbólica da produção/reprodução dos cânones, mas também os seus desvios e infrações, a novidade, o “fora do gênero”” (ARFUCH, 2010, p.132).

2 A argumentação no contexto das narrativas de vida

Com base no que foi detectado ao longo de suas pesquisas, Machado (2012) defende que a narrativa de vida pode também ser encarada como uma estratégia discursiva e/ou argumentativa. Considerando tal raciocínio, a autora pondera que se a questão da argumentação fosse pensada apenas dentro de sua perspectiva clássica, baseando-se numa arena onde se afrontam raciocínios lógicos, essa defesa não se sustentaria. Machado (2012) destaca, no entanto, uma abordagem defendida pela professora francesa Ruth Amossy que pode ampliar os subsídios de sustentação à ideia da narrativa de vida no campo estratégico argumentativo. Trata-se aí de uma divisão, proposta por Amossy³ (2006 apud MACHADO, 2012), que considera a existência, na argumentação, das visadas e das dimensões argumentativas. Dentro desse entendimento, as dimensões argumentativas, ao contrário das visadas, seriam capazes de abrigar em meio ao discurso a estratégia de seduzir, uma característica presente nas narrativas de vida. Neste sentido, “a argumentação no discurso se liga tanto aos discursos que visam explicitamente agir sobre o público, quanto aos que exercem uma influência sem ter em vista o desejo de persuadir” (AMOSSY, 2006 apud MACHADO, 2012, p. 201).

Já na visão de Charaudeau (2014), a argumentação está ligada a uma determinada situação de comunicação na qual se encontra o sujeito argumentante. Em função dessa situação de comunicação, destaca o autor, e também do projeto de fala do sujeito, é que são postos em cena os componentes do dispositivo. Ainda dentro da perspectiva da AD, a argumentação, por intermédio do discurso, “é uma atividade que visa intervir sobre a opinião, a atitude, e mesmo sobre o comportamento de qualquer

³ AMOSSY, Ruth. **L'argumentation dans le discours**. 2. ed. Paris: Armand Colin, 2006.

indivíduo” (GRIZE, 1990 apud CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 52). Outro aspecto de relevância destacado por Charaudeau é o caráter implícito da argumentação. Para o autor, a argumentação não está limitada a uma sequência de frases ou proposições necessariamente costuradas por meio de conectores lógicos, já que algumas combinações frásticas não aceitam marcas explícitas de operação lógica “e também porque, principalmente, o aspecto argumentativo de um discurso encontra-se frequentemente no que está implícito” (CHARAUDEAU, 2014, p.204).

3 O que dizer dos imaginários circulantes e das representações?

Na tentativa de entender o possível impacto que alguns temas como agressão a mulher ou repressão à imprensa, por exemplo, poderiam causar na percepção construída pelos eleitores acerca do presidenciável Aécio – com base no que circulava em seu espaço biográfico –, recorreremos à noção de imaginário sociodiscursivo proposto por Charaudeau (2013).

De acordo com o autor, a noção de imaginário, de uma maneira geral, ancora-se na ideia de uma imagem que busca interpretar uma determinada realidade e que acaba se inserindo em um universo de significações. As significações da realidade, complementa o autor, decorrem da relação que o homem mantém com essa realidade – com base em sua experiência – e, também, da relação que esse mesmo homem estabelece com os outros indivíduos para que se chegue a um consenso no processo de significação.

No que se refere ao imaginário sociodiscursivo, em específico, Charaudeau o vê como um conceito criado para harmonizar a noção de imaginário ao campo da Análise do Discurso, propriamente dito. Considerados instáveis, fragmentados e essencializados, esses imaginários devem ser materializados para desempenharem o seu papel de “espelho identitário”. Essa materialização se dá, por exemplo:

(1) por meio dos comportamentos que dão corpo a imaginários (aglomerações, manifestações etc.);

(2) na produção de objetos e/ou tecnologias que causam a um grupo a sensação de possuir ou dominar o mundo (Internet, livros etc.);

(3) na construção de objetos emblemáticos que, encarados como símbolos, exibem os valores identitários aos quais os membros aderem de forma mais ou menos voluntária (as bandeiras, os *slogans*, etc.).

Toda essa materialização, da forma como defende Charaudeau, deve ser sustentada por uma racionalização discursiva, num jogo em que não se sabe exatamente o que acontece primeiro ou se uma funciona promovendo ou justificando a outra. Confere sentido a essas materializações os mais variados discursos, produzidos por distintos grupos sociais. Uns discursos se fixam em textos escritos (ou na tradição oral) de maneira mais ou menos imutável e são transmissíveis de uma geração a outra, como por exemplo as doutrinas religiosas, os manifestos políticos ou literários. Outros discursos, nos lembra o autor, circulam sob variadas configurações nas comunidades, sejam eles mais estáveis (provérbios, ditados, etc), sejam menos estáveis, como o caso das frases circunstanciais. Toda essa multiplicidade discursiva, no entanto, não interfere no sentido principal, naquilo que Charaudeau chama de “núcleo semântico mais estável”. Dessa forma, no discurso político, por exemplo, os textos, ditados, *slogans* e/ou enunciados diversos devem ser apresentados de forma simples, pois além de serem compreendidos pela maioria, devem desempenhar papéis diversos, como apelo, acusação, polêmica, etc. Surge exatamente daí, conclui o autor, o qualificativo “discursivo” que caracteriza os imaginários sociais.

Os imaginários sociodiscursivos circulam, portanto, em um espaço de interdiscursividade. Eles dão testemunho das identidades coletivas, da percepção que os indivíduos e os grupos têm dos acontecimentos, dos julgamentos que fazem de suas atividades sociais (CHARAUDEAU, 2013, p. 207).

No espaço político, que o autor nos aponta como exemplo, circulam imaginários acerca do comportamento que um sujeito político deve adotar de acordo com a situação em que ele esteja, podendo ser em campanha eleitoral, em um debate ou numa reunião etc. Esses imaginários podem estar ligados a um *ethos* que esse sujeito político deve procurar construir para si, que seja coincidente com uma expectativa dos cidadãos. Os imaginários podem ainda estar ligados à esfera da opinião, sendo responsáveis pela sustentação de programas eleitorais, profissões de fé ou posicionamentos escritos analíticos.

Também importante para estudarmos o nosso *corpus*, quando se fala em imaginários, são as representações e a relação percepção-construção que as pessoas mantêm com o real. Acerca do assunto, Charaudeau (2007) postula que há nesse processo uma questão implícita tanto para os saberes de conhecimento (olhar do homem voltado para o mundo) quanto para os saberes de crença (olhar do homem voltado para si mesmo). Essas

representações passíveis de serem construídas pelo discurso midiático, sugere o autor, apontam para um desejo social (baseado na observação empírica das trocas sociais), ao mesmo tempo em que produzem normas (fabricando um discurso de justificativas dessas trocas sociais) e revelam sistemas de valores (que se sustenta em normas de referência). No interior desse processo de representações, observa Charaudeau, é que são construídos os saberes de conhecimento e de crenças, havendo entre eles uma fronteira nem sempre facilmente identificável. Isso pode significar, por exemplo, que a interpretação de enunciados aparentemente simples dependa de entrecruzamentos diversos acerca dos discursos de representações que foram produzidos.

Ainda acerca das representações, desta vez relacionando-as às emoções e suas características - patêmicas ou sociodiscursivas, Charaudeau (2010) afirma que uma representação pode ser considerada patêmica quando

[...] ela descreve uma situação a propósito da qual um julgamento de valor coletivamente compartilhado - e, por conseguinte, instituído em norma social - questiona um actante que acredita ser beneficiário ou vítima, e ao qual o sujeito da representação se encontra ligado de uma maneira ou de outra (CHARAUDEAU, 2010, p. 31).

A relação patêmica, afirma o autor, leva o sujeito a um comportamento de reagir em conformidade com normas sociais às quais ele esteja ligado, sejam aquelas que esse sujeito interiorizou, seja as que permanecem em suas representações.

No que se refere às representações “sociodiscursivas”, Charaudeau (2010) afirma que elas podem ser assim chamadas quando o mecanismo de simbolização do mundo acontece por meio de um sistema de signos não isolados, mas compostos de enunciados que se relacionam aos fatos e aos gestos dos seres do mundo. Não sendo arbitrariamente produzidos por qualquer um em qualquer ocasião, esses enunciados testemunham a maneira como os sujeitos que vivem em comunidade percebem o mundo, bem como os valores que esses sujeitos atribuem aos fenômenos percebidos. “Esses enunciados circulam na comunidade social, tornam-se objeto de partilha e contribuem para constituir um saber comum, e, particularmente, um saber de crenças” (CHARAUDEAU, 2010, p. 31-32). Assim, o autor reserva a qualificação “sociodiscursiva” para as representações ligadas aos sujeitos e que os levam a se posicionar com relação aos valores. Uma oposição aos conhecimentos

exteriores que não pertencem a esse sujeito, a conhecimentos que chegam até ele, mas não o envolvem.

4 Apresentação e análise do Corpus

Como antes sinalizado, o vídeo que escolhemos para análise constitui uma das diversas peças de campanha do presidenciável Aécio Neves, publicada no canal do Youtube (em 15/07/2014) e também em seu site oficial durante a disputa presidencial. As cenas do vídeo trazem vários familiares de Aécio (mãe, esposa, filha, irmã, tio, primos e sobrinhos) dando seus depoimentos sobre a vida pessoal do candidato, expondo opiniões acerca de suas condutas moral, familiar, social e política, principalmente. Durante todo o vídeo, temos uma música leve (“Amanheceu, Peguei a Viola” em sua versão instrumental) ao fundo (*background*) e a predominância de um ambiente descontraído e familiar, um cenário em que todos (inclusive crianças) externam sua (boa) impressão em relação ao candidato, seja enquanto filho, marido, pai, tio, amigo ou simplesmente homem de caráter. As falas do vídeo estão transcritas no Quadro 1.

Como contraponto ao vídeo em questão, selecionamos ainda para análise três matérias; uma publicada no site do Observatório da Imprensa⁴ (Figura 1), em 2003; outra no *blog* do jornalista esportivo Juca Kfourri (Figura 2), em 2009; e uma publicação veiculada no site do Jornal Folha de São Paulo, em 2013 (Figura 3) que divulgam alguns supostos traços pessoais de Aécio Neves passíveis de ser negativamente avaliados pelo público. As três matérias, aqui entendidas como formas constituintes do espaço biográfico, conforme defende Arfuch (2010), expõem fatos (e/ou testemunhos) que revelam, por exemplo, um Aécio Neves boêmio que seria capaz de “bater em mulher”, dirigir alcoolizado, infringir a lei, censurar a imprensa e/ou perseguir politicamente jornais e jornalistas, conduta esta sendo comparável, de acordo com um dos sites, àquelas praticadas durante a ditadura militar no Brasil.

⁴ O Observatório da Imprensa é um veículo jornalístico, criado em 1996, focalizado na crítica da mídia. Ver site www.observatoriodaimprensa.com.br

QUADRO 1 – Falas de familiares no vídeo “Pai, filho e Marido. Aécio por sua família”

(Fala 1): Inês (mãe)	- Aécio tem um respeito muito grande pelas pessoas. Ele respeita muito a individualidade de cada um.
(Fala 2): Cláudia (prima)	- Ele é uma pessoa que tem um coração maior do que tudo. Ele é bom, sabe uma pessoa boa?
(Fala 3): Ronaldo (primo)	- É uma pessoa fácil de gostar, porque é uma pessoa leve, bem humorada e muito positiva.
(Fala 4): Letícia (esposa)	- Ele sorri com os olhos. Ele tem uma expressão muito bonita. E a simplicidade dele... Ele gosta do simples.
(Fala 5): Cláudia (prima)	- Ele é alegre, ele é feliz, ele irradia isso pra gente. É gostoso tá com ele. É prazeroso tá com ele.
(Fala 6): Inês (mãe)	- O Aécio hoje é uma pessoa conciliadora. Ele conversa muito. Ele não tem inimigos. Pode ter os adversários, mas os inimigos, ele não faz inimigos.
(Fala 7): Ronaldo (primo)	- Todo mundo quer tá com ele. É...parece que atrai as pessoas. Ele tem sempre uma palavra de carinho, ele tem sempre uma palavra de atenção, seja com uma criança, com uma pessoa de idade...
(Fala 8) - Gabriela (filha)	- O quê que eu me lembro do meu pai? Eu lembro dos Natais com a família toda na casa da minha vó, d'ele me levar no Mineirão pra torcer pelo Cruzeiro, d'ele inventar história do gato Simão e dos coelhinhos pra me fazer dormir. Da gente ensaiando pra dançar valsa nos meus 15 anos. Acho que é tanta história que a gente tem juntos, porque o meu pai sempre foi tão presente!
(Fala 9): Sobrinhos	- Meu tio é muito companheiro. A gente pode contar com ele sempre.
(Fala 10): Ronaldo (primo)	- Ele tem uma atenção impressionante com as pessoas, sempre foi assim e é um exemplo para todos nós.
(Fala 11): Letícia (esposa)	- Hoje eu sou uma mulher realizada porque eu encontrei no Aécio uma pessoa de caráter. E me dá paz no meu coração saber que nossos filhos, Júlio e Bernardo, vão caminhar com ele, junto..
(Fala 12): Tancredo Augusto (tio e filho de Tancredo Neves)	- Além de todos os seus atributos naturais, ele teve a sorte de ter a escola de dois homens públicos da melhor qualidade: meu pai, que o Brasil inteiro conhece, e o pai dele, Aécio Cunha, sinônimo de caráter, de retidão.
(Fala 13): Andrea (irmã)	- A gente gosta de acreditar que nós temos o controle absoluto sobre a nossa própria vida. Isso não é verdade, mas que algumas pessoas têm ainda menos controle sobre o próprio destino do que outras.
(Fala 14): Letícia (esposa)	- É ele que vai passar os princípios que eu conheço dele, o caráter, a honestidade. Amor, beijo grande. Tô aqui se precisar, tá?
(Fala 15): Inês (mãe)	- Aécio, meu filho. Deus te abençoe hoje e sempre.
(Fala 16): Gabriela (filha)	- Pai, te amo. Beijo.

Fonte: Site da campanha presidencial de Aécio Neves. Disponível em: <<http://campanha2014.aecioneves.com.br/conheca-aecio-por-sua-familia.html>>. Acesso em: 18 ago. 2014.

FIGURA 1 – Matéria publicada no site Observatório da Imprensa (set/2003)

Observatório da Imprensa VOCÊ NUNCA MAIS VAI LER JORNAL DO MESMO JEITO

Aspas 16/09/2003 9/24

Índice Objetivos Edições anteriores Observatório na TV Modo de usar Netbanca Equipe Fale com o Observatório

AÉCIO & CENSURA
CMI Brasil

"Aécio Neves censura imprensa em Minas Gerais" copyleft CMI Brasil (www.brasil.indymedia.org), 4/09/03

"Contrariando a Constituição Nacional e suas próprias palavras de apreço e respeito pela imprensa e seus profissionais, o Governador de Minas Gerais, Aécio Neves, vem ressuscitando uma prática muito comum durante a ditadura militar no Brasil: perseguição política a jornais e jornalistas mineiros tem sido uma constante nos últimos meses. Denúncias têm sido encaminhadas à diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais

Ainda seguindo os moldes do regime militar, Aécio Neves colocou sua própria irmã, Andréa Neves, para vigiar as redações dos jornais e emissoras de rádio e TV mineiras. Durante o lançamento de um projeto do Governo, na última semana de junho, Andréa Neves passou a tarde na redação da Rádio Itatiaia. Nenhum texto foi ao ar sem antes passar pelo crivo da irmã do governador. Um chefe de redação foi impedido de marcar entrevista com um sindicato. O mesmo se rebelou e pediu demissão.

Fonte: Site do Observatório da Imprensa. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/news/showNews/asp160920039.htm>>. Acesso em: 7 out. 2014.

FIGURA 2 – Matéria publicada no Blog do Juca Kfourri (nov/2009)

Blog do Juca Kfourri

Anterior | Voltar à página inicial | Próximo

Covardia de Aécio Neves

Juca Kfourri 01/11/2009 12:09

Compartilhe f t

Aécio Neves, o governador inaugural da Copa do Mundo de 2014, em Belo Horizonte, deu um empurrão e um tapa em sua acompanhante no domingo passado, numa festa da Calvin Klein, no Hotel Fasano, no Rio.

Depois do incidente, segundo diversas testemunhas, cada um foi para um lado, diante do constrangimento geral.

A imprensa brasileira não pode repetir com nenhum candidato a candidato a presidência da República a cortina de silêncio que cercou Fernando Collor, embora seus hábitos fossem conhecidos.

Nota: Às 15h18, o blog recebeu nota da assessoria de imprensa do governo mineiro desmentindo a informação e a considerando caluniosa.

O blog a mantém inalterada.

Aécio Neves, o governador tucano de Minas Gerais, que luta para ter o jogo inaugural da Copa do Mundo de 2014, em Belo Horizonte, deu um empurrão e um tapa em sua acompanhante no domingo passado, numa festa da Calvin Klein, no Hotel Fasano, no Rio.

Fonte: Blog do Juca Kfourri. Disponível em: <<http://blogdojuca.uol.com.br/2009/11/covardia-de-aecio-neves/>>. Acesso em: 6 out 2014.

FIGURA 3 – Matéria publicada no site do Jornal Folha de São Paulo (set/2013)



Fonte: Site do jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2013/07/1306893-namoradade-aecio-neves-ha-cinco-anos-leticia-weber-se-prepara-para-novo-momento.shtml>>. Acesso em: 14 out. 2014.

Antes de entrarmos na análise propriamente dita, convém destacar, de acordo com as ideias de situação de comunicação e identidade propostas por Charaudeau (2009), que no vídeo estudado parece haver a predominância do discurso publicitário, apesar de os seus propósitos serem notadamente direcionados a uma disputa em conjuntura eleitoral (discurso político). Neste sentido, quando contrastamos o discurso publicitário e o político, vemos que “as propriedades discursivas de persuasão e de sedução são inversamente proporcionais nestes dois tipos de situação de comunicação” (CHARAUDEAU, 2009, p. 6). No discurso publicitário, nos diz o autor, a atividade de sedução torna-se dominante, enquanto a persuasão predomina no discurso político. Desta forma, ao analisarmos o nosso *corpus*, percebemos já num primeiro momento que o ponto de vista defendido por Amossy (apud Machado, 2012), acerca da “dimensão argumentativa”, coincide de certa forma com a perspectiva discursiva sustentada por Charaudeau, especialmente na medida em que é destacado o aspecto da sedução, presente na instância publicitária.

No que se refere especificamente à análise do vídeo, a nossa observação inicial (levando-se em conta os familiares de Aécio Neves que prestam seus testemunhos) aponta para a existência de um sujeito que exerce determinada posição em relação à veracidade da proposta a que está submetido, revelando

nas falas a predominância de um procedimento argumentativo de autojustificativa do estatuto, em que o “sujeito pode ser levado a justificar o seu próprio estatuto ou o de um outro enquanto sujeito argumentante” (CHARAUDEAU, 2014, p. 229). Recorre-se neste caso a um “discurso de autoridade”, identificável no vídeo nas figuras da mãe, da filha, da esposa e dos outros parentes do presidenciável. Percebemos assim, com base no que afirma Charaudeau, que os familiares ali testemunham em favor do candidato assumindo uma postura em comum, como se, apelando para o saber, dissessem todos: “é assim (eu digo isso de positivo sobre o Aécio), porque eu sei”; ou apelando para a experiência, todos dissessem: “é assim (eu digo isso a favor do Aécio), porque eu vi/ouvi, eu convivo bem de perto, no dia a dia do candidato”.

Outro assunto abordado por Charaudeau (2014) que nos desperta o interesse diz respeito aos chamados “procedimentos da encenação argumentativa”, que têm como função principal validar uma determinada argumentação, mediante a produção de provas. “Os diversos procedimentos contribuem, portanto, cada um de uma maneira particular, para produzir aquilo que tende a provar a validade de uma argumentação” (CHARAUDEAU, 2014, p. 231). No que se refere ao vídeo analisado, é possível perceber que, dentre os procedimentos presentes na encenação argumentativa (semânticos, discursivos e de composição), parece haver a predominância de alguns domínios semânticos (ligados ao valor dos argumentos), principalmente aqueles relacionados aos domínios de avaliação estético, ético e hedônico:

O domínio do Estético, que define em termos de belo e de feio o que são seres da natureza, as representações que os homens fazem dela [...] O domínio do Ético, que define em termos de bem e de mal o que devem ser os comportamentos humanos diante de uma moral externa (as regras de comportamento impostas ao indivíduo pelo consenso social) ou interna (o indivíduo dá a si mesmo suas próprias regras de comportamento) [...] O domínio do Hedônico, que define em termos de agradável ou de desagradável o que pertence ao âmbito dos sentidos que buscam prazer em relação com os projetos e as ações humanas. Esse prazer é suscitado pela satisfação de um fim desejado no instante mesmo de sua realização (CHARAUDEAU, 2014, p. 232).

Partindo da questão estética, conforme sugere e define Charaudeau, percebemos no vídeo que a fala da Letícia, esposa do candidato Aécio, coincide com tal domínio de avaliação quando ela diz, por exemplo, “Ele sorri com os olhos. Ele tem uma expressão muito bonita...”.

No campo do ético, complementando a citação de Charaudeau quando fala de um comportamento ligado ao bem ou ao mal em função de uma moral externa ou interna, o autor nos diz que o indivíduo deve agir de uma determinada maneira, sendo tal ação realizável em nome de um princípio que, na verdade, traduz-se no próprio argumento. Assim, nas falas analisadas em nosso *corpus*, é como se os depoentes implicitamente dissessem; “é porque Aécio é respeitoso, conciliador, tem caráter, honestidade e retidão que ele vai agir de forma semelhante como presidente da República...”. As principais falas associadas ao ético que detectamos são:

(1) “Aécio tem um respeito muito grande pelas pessoas. Ele respeita muito a individualidade de cada um [...] O Aécio hoje é uma pessoa conciliadora [...]” - Inês (mãe);

(2) “...encontrei no Aécio uma pessoa de caráter. [...] É ele que vai passar os princípios que eu conheço dele, o caráter, a honestidade [...]” - Letícia (esposa);

(3) “... ele teve a sorte de ter a escola de dois homens públicos da melhor qualidade: meu pai, que o Brasil inteiro conhece, e o pai dele, Aécio Cunha, sinônimo de caráter, de retidão...” - Tancredo Augusto (tio, filho de Tancredo Neves).

O domínio do hedônico, que na visão de Charaudeau está ligado principalmente à questão do agradável/desagradável e do prazer na instantaneidade de sua realização, permite-nos perceber, no caso das falas analisadas, que é como se os familiares do presidenciável dissessem: estou aqui elogiando o Aécio porque nos momentos em que estou com ele, vejo que:

(1) “...Ele é uma pessoa que tem um coração maior do que tudo. Ele é bom, sabe uma pessoa boa? [...] Ele é alegre, ele é feliz, ele irradia isso pra gente. É gostoso ‘tá’ com ele. É prazeroso ‘tá’ com ele”. - Cláudia (prima);

(2) “...É uma pessoa fácil de gostar, porque é uma pessoa leve, bem humorada e muito positiva.[...] Todo mundo quer estar com ele. É...parece que atrai as pessoas. [...] Ele tem sempre uma palavra de carinho, ele tem sempre uma palavra de atenção, seja com uma criança, com uma pessoa de idade...” - Ronaldo (primo).

Chegado o momento de confrontar as falas do vídeo que analisamos com outras formas de composição do espaço biográfico, conforme defende Arfuch (2010), em nosso caso ilustradas pelas notícias veiculadas na Internet (site do jornal Folha de São Paulo, site Observatório da Imprensa e Blog do Juca Kfourri), percebemos que os assuntos abordados em tais matérias podem ter

exercido certa influência na estratégia discursiva presente no vídeo, sendo o tema até mesmo decisivo para que assessores e equipes de campanha de Aécio optassem por tal abordagem e veiculassem o material sobre o presidenciável em momento eleitoral. Analisando de forma mais ampla o *corpus* (entendido aqui como o vídeo mais as matérias selecionadas), notamos no vídeo a presença implícita de um operador argumentativo de oposição, o “mas”, que parece tentar dar conta de responder a outros discursos “não oficiais” circulantes no espaço biográfico. Assim, um dos possíveis interpretativos que acreditamos poder extrair do vídeo, em meio a essa “arena discursiva”, talvez seja a seguinte mensagem: “Falamos que Aécio é *playboy*, gosta de noitadas, que bate em mulher, que censura a Imprensa (como no regime militar), mas nós, os seus familiares que o conhecemos de perto, estamos aqui para mostrar que Aécio é ‘muito família’, tem a admiração e amor por parte da esposa, é uma pessoa conciliadora, valoriza o diálogo e as pessoas...”.

Ainda com relação ao teor das falas circulantes no espaço biográfico do presidenciável e uma provável resposta (presente no vídeo) articulada por estrategistas de campanha em momento eleitoral, consideramos válido resgatar aqui a importância daquilo que permeia os imaginários sociais e que pode ter motivado a produção e a veiculação dessa peça de campanha. Neste sentido, é bem possível percebermos na atualidade a força de alguns movimentos, leis e/ou grupos que, da forma como defende Charaudeau, podem configurar comportamentos que ajudam a dar corpo a certos imaginários no meio social. Assim, forças hoje atuantes no País, para não citar outras, como os movimentos feministas (ou lei Maria da Penha), a lei Seca, a Comissão da Verdade e/ou grupos de repúdio à ditadura podem contribuir para que sejam “naturalizados” na sociedade, por exemplo, fortes sentimentos de repulsa coletiva a atos capazes de lesar direitos ou a integridade das mulheres, que ameacem a imprensa livre ou que, tidos como irresponsáveis (ou criminosos), possam pôr em risco a vida de inocentes, como o ato de dirigir alcoolizado. Em meio a esse cenário, podemos dizer que estamos diante de um espaço de interdiscursividade por onde circulam imaginários sociodiscursivos, conforme nos diz Charaudeau (2013), imaginários capazes de testemunhar tanto identidades coletivas quanto a percepção que indivíduos (e grupos) podem ter dos acontecimentos ou ainda os julgamentos que esses indivíduos fazem de suas atividades sociais.

Considerações finais

No fechamento deste artigo, fica-nos o sentimento de termos encontrado no *corpus* escolhido elementos palpáveis e credíveis para a condução de uma análise coerente com as premissas levantadas acerca das narrativas de vida, tanto na apreensão do seu aspecto argumentativo mais amplo, capaz de despertar emoções, quanto na percepção do seu caráter implícito, também argumentativo (mais “lógico”), identificável nessa mistura de vozes que compõem o chamado espaço biográfico em um cenário de disputa político-eleitoral.

A utilização de estratégias argumentativas (e discursivas) implícitas, presentes num vídeo “publicitário” veiculado em momento eleitoral, mostramos que a argumentação, conforme diz Machado (2014), mesmo não sendo o objeto primeiro dessa produção videográfica ou da narrativa de vida em si, acaba perpassando tais textos. Foi-nos possível perceber ainda que a tentativa de (re) construção de imagem do sujeito político, aqui entendida sob o ponto de vista biográfico, deve levar em conta um ambiente de interdiscursividade, caracterizado neste caso pelas múltiplas formas circulantes no espaço biográfico (e midiático) na contemporaneidade.

Impossível deixar de destacar, no entanto, que a realização deste estudo deixou-nos a sensação de que algumas lacunas nesse campo podem ser exploradas, mais cuidadosamente, em pesquisas futuras. Talvez o ponto de partida seja investigar um pouco mais as particularidades e a capacidade que teriam esses fragmentos (auto) biográficos, nos dias atuais, de pautar (ou confundir) a opinião pública. Até que ponto, por exemplo, testemunhos, opiniões e entrevistas ampla e desordenadamente divulgados nas redes sociais contribuiriam, em termos qualitativos, para a construção de um todo biográfico? E os interesses diversos (econômicos, políticos, ideológicos, etc.), cada vez mais presentes na Internet, como deveriam ser interpretados e absorvidos pelo público, considerando-se a ótica biográfica?

Estas e outras inquietações parecem típicas do mundo contemporâneo, em que a evolução tecnológica tem favorecido a instantaneidade e o acesso a informações, o que abre espaço para que novas formas de interpretação da realidade sejam levantadas, sobretudo aqui aquelas ligadas aos aspectos linguístico-discursivos a serem observados dentro da esfera (auto) biográfica.

Referências

- AMOSSY, Ruth. **L'argumentation dans le discours**. 2. ed. Paris: Armand Colin, 2006.
- ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea**. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BERGAMO, Mônica **Namorada de Aécio há cinco anos, Letícia Weber se prepara para novo momento**. Folha de São Paulo. São Paulo: 7 jul. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2013/07/1306893-namorada-de-aecio-neves-ha-cinco-anos-leticia-weber-se-prepara-para-novo-momento.shtml>>. Acesso em: 14 out. 2014.
- BERTAUX, D. **Le récit de vie**. 2. ed. Paris: Armand Colin, 2005.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução de Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.). **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.
- _____. **Discurso Político**. 2.ed. Tradução de Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2013.
- _____. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Coordenação da tradução de Angela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- _____. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (Org.). **As emoções no discurso**. v.II. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. 3. ed. Tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2014.
- CMI Brasil. **Aécio e Censura. Aécio Neves censura imprensa em Minas Gerais**. Observatório da Imprensa. 16 set. 2003. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/news/showNews/asp160920039.htm>> - Acesso em: 7 out. 2014.
- KFOURI, Juca. **Covardia de Aécio Neves**. 1 de novembro de 2009. Disponível em: <<http://blogdojuca.uol.com.br/2009/11/covardia-de-aecio-neves/>>. Acesso em: 6 out 2014.
- MACHADO, Ida Lúcia. Algumas reflexões sobre elementos de base e estratégias da Análise do Discurso. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 20, n. 1, p. 187-207, jan./jun. 2012.
- Pai, filho e marido. Aécio por sua família**. Direção: Pablo Nobel. 2014. Disponível em: <<http://campanha2014.aecioneves.com.br/conheca-aecio-por-sua-familia.html>>. Acesso em: 18 ago. 2014.